

Levei meus alunos do curso de Cooperativismo da UNESP de Jaboticabal para visitar a Agrishow, a maior feira de Agronegócio da América Latina.

Foi um dia interessante. Esta é minha última turma, porque estou chegando aos 70 e nesta idade a aposentadoria na Universidade é compulsória. E, para minha grande alegria, a rapaziada é muito boa. Estou feliz com isso, a qualidade da turma me permitirá encerrar com chave de ouro este capítulo profissional.

É claro que sempre tem alguém menos aplicado que está gastando o tempo sem oferecer expectativa de retorno ao investimento público. É assim mesmo, a história se repete, os professores já foram alunos também e sabem que estas exceções distraem seus colegas, desperdiçam recursos e só enganam a eles mesmos.

Mas o que importa é a grande maioria comprometida com o futuro do país, engajada na inovação tecnológica, atenta e dedicada. São os bons alunos. E é bom lembrar que não são bons alunos apenas aqueles que tiram as primeiras notas. Nem sempre, pelo menos: muitas vezes um aluno bom não é o primeiro da classe, mas tem qualidades para ser excelente profissional, o que evidentemente não desabona aqueles que conseguem as melhores notas. Estes terão grande chance de se tornarem a vanguarda intelectual e acadêmica de cada turma, porque se acostumaram a estudar. Contribuirão para formar a base científica da Nação, serão os arautos da inovação.

Bem, fizemos uma visita intensa, os jovens conheceram a última palavra em máquinas e implementos agrícolas, ouviram dos especialistas/expositores o que há de mais moderno neste setor que pode garantir menores custos de produção e melhor produtividade, conheceram engenhocas que quase trabalham sem operadores.

No final da tarde, juntei a mocidade febril, cansada, empoeirada e cheia de informações novas, para um balanço do dia, avaliar a visita, e sobretudo para sentir como tinham aproveitado aquela bela vitrine de tecnologia avançada.

Ao final da conversa, um aluno fez uma pergunta muito, muito interessante.

– “Professor, toda pessoa tem um mestre, alguém que deu rumo à sua vida, um orientador, um conselheiro, um exemplo. Quem foi o seu?”

Que bela pergunta! Ela mostrou mais uma vez, que tudo depende das pessoas: não há empresa, invenção, instituição, não há pátria, família, não há liberdade, democracia, não há vitórias e glórias sem pessoas, sem gente cuidando dos processos em algum momento da história.

E que bom que aquele moço fez esta pergunta: ficou claro que a rapaziada não está enganada, não é iludida por discursos demagógicos ou populistas. Eles sabem que não se constrói um edifício sem alicerce, que existem conceitos e modelos motorizando os rumos de tudo.

E isso me fez lembrar agradecido dos meus pais, dos mestres da “Luiz de Queiroz”, os faróis dos primeiros passos na profissão, que tanto iluminaram, que fincaram as raízes dos princípios fundamentais, poucos mas sólidos, como a honestidade, a solidariedade e a justiça.

Sem eles, que rumos teria seguido?

Com uma imensa gratidão, me vieram à lembrança aqueles tantos homens e mulheres, que, ao longo da vida, foram a luz e a verdade, cujos exemplos e palavras apontaram a direção que me permitiu chegar até aqui, nesta esquina final do magistério, com alunos tão maravilhosos, os mestres do amanhã como meus filhos já são para mim.

E, mais uma vez, se revelou a evidência de que cada um de nós é apenas a ponte entre o passado e o futuro, a ligação do que foi com o que virá. E por isso, embora nossa passagem seja insignificante para a história, não dá para falhar...

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**